



ENTRE ELAS: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA E DA (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO CONTO ABAJUR DE MIRIAM ALVES

Luan Caroline Oliveira Fontoura Kugler¹

Resumo: A identidade lésbica apresentada no conto *Abajur* de Miriam Alves desconstrói e confronta com o padrão estético sexual imposto pela cultura homófoba, tal processo é desenvolvido na própria narrativa. Em um primeiro momento, para análise desse processo desconstrutivo presente no conto, propõe-se evidenciar alguns aspectos do contexto regente (histórico, social e cultural) relativos à sexualidade, homossexualidade e relações de gênero no Ocidente. A partir desse embasamento é realizada a análise do conto *Abajur* do ponto de vista da narrativa, para averiguar a relação homoerótica entre as duas personagens femininas e a masculina, e através dessa análise explicitar o preconceito e os conceitos existentes em relação ao homossexual na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: identidade homossexual; conto Abajur; lesbianismo; Miriam Alves.

Sob a luz do Abajur de Foucault: os discursos sobre a sexualidade no Ocidente

Foucault (1993) aponta que a partir dos séculos XVI e XVII vemos na sociedade ocidental uma multiplicação de discursos sobre o sexo. Seria a *scientia sexualis*, a ciência do sexo que pretendia iluminar esse aspecto do ser humano. O indivíduo é construído a partir da sociedade e do contexto histórico, social, econômico e cultural em que ele vive. A sexualidade começava a ser encarada como produto deste contexto. Foucault (1993) levanta três dúvidas em *Uma vontade de saber*, primeiro volume da trilogia *A História da Sexualidade*. Em primeiro lugar, é a repressão sexual um fato estabelecido historicamente? É isto que aparece pela primeira vez, para a nossa visão, a real acentuação ou a criação de um regime de repressão sexual início no século XVII? Em segundo lugar, os funcionamentos do poder em nossa sociedade pertencem à categoria de repressão e esse poder é exercido de forma geral através da proibição da

¹ Estudante de graduação do Curso de Letras Português Inglês e respectivas literaturas. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. Paraná. Brasil. lukugler@gmail.com.

censura e negação? Sua pergunta final questiona, foi o discurso crítico que se dirige ao ato de repressão como um bloco para o mecanismo de poder que operou incontestável a este ponto, ou, é na verdade, uma parte da mesma coisa que denuncia e deturpa, chamando-a repressão? Havia realmente uma ruptura entre a idade da repressão e a análise crítica da repressão?

As dúvidas de Foucault sobre a concepção de repressão foram estimuladas pela emergente proliferação de discursos sobre a sexualidade desde o século XVII. Sua análise começa com uma análise da crença generalizada de que na era vitoriana, a experiência sexual e a prática foram submetidas a um poder de repressão. Foucault inicialmente direcionou seu trabalho sobre a sexualidade para estas questões, embora não havia provas a partir do século XVII, de um novo conjunto de regras de propriedade sobre o domínio da sexualidade e uma crescente sensação de censura, proibição geral e silenciamento de discussão sobre sexualidade. Ele argumentou que havia outra tendência que se tornou evidente no aumento do discurso sobre a sexualidade. Segundo Smart (1985), Foucault afirma que, no século XVII “surgiu uma incitação política, econômica e técnica para falar sobre sexo. E não tanto na forma de uma teoria geral da sexualidade como na forma de análise, inventário, classificação e especificação, de estudos quantitativos ou causais”.

Nos séculos XVIII e XIX surgiu uma diversidade de discursos sobre a sexualidade nos campos da medicina, psiquiatria, pedagogia, justiça penal e dos trabalhos sociais. Isso ocorreu porque a sexualidade se tornou cada vez mais um objeto de administração e gestão através de pesquisas realizadas pelo governo. A análise dos dados demográficos da população levou os governos a se concentrarem em investigações sobre taxa de natalidade, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a idade do casamento, a frequência das relações sexuais, fertilidade e assim por diante. O efeito dessas análises foi uma grade de observações que se referiam a assuntos sexuais. Desse modo, o sexo tornou-se confinado à intimidade do lar e o casal procriador e ao mesmo tempo, tornou-se um emaranhado de uma teia de discursos e formas de análise entre o Estado e os indivíduos.

Durante o século XIX civilizações ocidentais desenvolveram uma *scientia sexualis* cujo objetivo era produzir discursos verdadeiros sobre a sexualidade. Sexo tem era tema central, desde a confissão da penitência cristã até o divã do psiquiatra. Foucault (1993), desejando traçar uma linha através de tantos séculos que ligasse o sexo e a busca para identificar a verdade para as nossas sociedades, afirmou:

Como é que numa sociedade como a nossa, a sexualidade não é simplesmente um meio de reproduzir a espécie, a família e o indivíduo? Não é simplesmente um meio de obter prazer e gozo? Como é que a sexualidade passou a ser considerada o lugar privilegiado onde a nossa mais profunda "verdade" é lida e expressada? Porque esse é o fato essencial: desde o cristianismo, o mundo ocidental nunca parou de afirmar: "para saber quem você é, saiba qual é a sua sexualidade". Sexo sempre foi o fórum onde o futuro de nossa espécie e a nossa "verdade" como seres humanos é decidido. Confissão, o exame de consciência, toda a insistência sobre os segredos importantes da carne, não foi simplesmente um meio de proibir sexo ou de reprimi-lo, (...) mas era um meio de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação com a maestria desses movimentos obscuros. Nas sociedades cristãs, o sexo tem sido o objeto central de análise, vigilância, confissão e transformação em discurso.

Existe a possibilidade de que os discursos sexuais apenas serviram para dar uma base para imperativos que visavam a erradicação das formas "improdutivas" de sexualidade. Que talvez todas as formas de discurso tiveram como seu fim o cultivo de uma população vital, a reprodução da força de trabalho e as relações sociais prevalentes. Segundo Smart (1985), Foucault argumenta que, se os discursos foram destinados a eliminar prazeres inúteis, então eles tinham falhado. No século XIX uma implantação múltipla das perversões e uma dispersão de sexualidades haviam ocorrido. Ele sugere que o sexo extraconjugal e o poligâmico não foram proibidos ou eliminados pelo poder do discurso do confessor, mas que eles foram incitados e se multiplicaram. Como consequência, ocorreu a proliferação das sexualidades consideradas heterodoxas. A santidade atribuída à monogamia heterossexual, nos séculos XVIII e XIX, teve como consequência natural o incitamento à confissão de uma multidão de perversões sexuais que eram consideradas como equivalentes artificiais ou anormais à sexualidade "regular" do "casal aceitável".

Portanto, que na cultura Ocidental, a ideologia da diferença sexual dissimula as diferenças sociais que implicam em uma ordem econômica, política e, sobretudo, ideológicas.

A identidade gay e lésbica na atualidade ocidental pela visão da teoria queer

O comportamento sexual de um indivíduo é produto da condição social ao invés de fatores biológicos. De acordo com Filho (2007), prevalece no seio da sociedade Ocidental uma concepção do século XIX apoiada no discurso científico e religioso que vê a sexualidade como uma força poderosa, que requer um controle social, ou seja, há uma necessidade de controlar os impulsos sexuais de acordo com uma ordem social pré-estabelecida. Essa concepção produz e veicula discursos em que a manifestação

socialmente correta seria entre homens e mulheres adultos, preferencialmente no matrimônio, como se percebe no discurso religioso.

Com a ascensão do movimento de libertação gay nos anos 1980, perspectivas abertamente gays e lésbicas começaram a ser apresentadas na política, filosofia e teoria literária, contrariando o discurso religioso. Inicialmente, estas perspectivas foram abertamente ligadas a análises feministas do patriarcado. Ainda no final dos anos 1980 e início de 1990 foi desenvolvida a teoria queer. Há uma série de maneiras em que a teoria queer se difere da teoria da libertação gay anterior, mas uma importante diferença inicial pode ser obtida examinando as razões para optar por "queer", o termo em oposição à "gay e lésbica." Algumas versões, por exemplo, da teoria lésbica retratam a essência da identidade lésbica e sexualidade em termos muito específicos: não-hierárquica, consensual, e não necessariamente centrada na genitália (Faderman, 1985).

As abordagens iniciais dos anos 1980 no Ocidente baseadas na caracterização de identidade lésbica e gay e da sexualidade, no entanto, sofreram com três dificuldades. Primeiro, parecia mesmo que o objetivo era criticar um regime heterossexista para a sua exclusão e marginalização das pessoas cuja sexualidade é diferente. Um segundo problema foi que, ao colocar tal ênfase sobre o sexo do parceiro sexual, outras possíveis fontes importantes de identidade são marginalizadas, tais como: raça e etnia. O que é de extrema importância, por exemplo, para uma lésbica negra é seu lesbianismo, ao invés de sua raça. De acordo com Jagose (1996), muitos gays e lésbicas de cor atacaram esta abordagem, acusando-a de reescrever uma identidade essencialmente branca para o coração da identidade gay ou lésbica.

O terceiro problema para a abordagem gay liberacionista era que, muitas vezes, ela levou esta categoria de identidade própria como não problemática e não histórica. Tal visão, no entanto, em grande parte por causa de argumentos desenvolvidos no pós-estruturalismo, parecia cada vez mais insustentável. A figura-chave no ataque à identidade como não histórica foi Michel Foucault. Em uma série de obras que ele começou a analisar a história da sexualidade desde a Grécia antiga até a era moderna (1980, 1985, 1986). Embora o projeto tenha sido tragicamente interrompido por sua morte, em 1984, de complicações decorrentes da AIDS, Foucault articulou quão profundamente o entendimento da sexualidade pode variar ao longo do tempo e do espaço, e seus argumentos têm se mostrado muito influentes na teorização gay e lésbica em geral, e na teoria queer em particular.

Uma das razões para a revisão histórica supracitada é que ela ajuda a dar algumas informações para entender a afirmação de que a sexualidade é construída socialmente e não por fatores biológicos. Como aponta Foucault (1998), na Grécia antiga o sexo do parceiro não era importante, mas sim se a pessoa assumia o papel ativo ou passivo. Com o surgimento da noção de homossexualidade na era moderna, uma pessoa é colocada em uma categoria sexual específica, mesmo se não agir de acordo com essas inclinações. Os exemplos podem ser empurrados muito mais longe através da incorporação de dados antropológicos fora da tradição ocidental. No entanto, mesmo dentro do estreito contexto oferecido aqui, as diferenças entre eles são impressionantes. A suposição na Grécia antiga era de que os homens podem responder eroticamente para ambos os sexos, e a grande maioria dos homens que se envolveram em relações do mesmo sexo também eram casados (ou mais tarde se tornariam casados). No entanto, o entendimento contemporâneo da homossexualidade divide o domínio sexual em dois, heterossexuais e homossexuais, e a maioria dos heterossexuais não podem responder eroticamente a seu próprio sexo.

Esses três problemas significativos que confrontaram as primeiras abordagens homossexuais liberacionais têm envolvimento com a noção de identidade. A teoria queer, assim, surgiu em grande parte como uma tentativa de superá-los. Como a teoria de que isso pode ser visto pelo olhar "queer", o próprio termo. Em contraste com gays ou lésbicas, "queer" não se refere a uma essência, seja de natureza sexual ou não. Em vez disso, é puramente relacional como um termo indefinido que tem seu sentido precisamente por ser o que é fora da norma, no entanto, a norma em si pode ser definida. Como uma teórica queer coloca: "Queer é o que está em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular a que se refere necessariamente. É uma identidade sem uma essência" (Butler, 2001). Por falta de qualquer essência, queer não quer marginalizar aqueles cuja sexualidade está fora de qualquer norma gay ou lésbica. Conceituações específicas de sexualidade são evitadas, e, portanto, não colocadas no centro de qualquer definição de queer, que permite mais liberdade para a auto-identificação para, por exemplo, lésbicas negras se identificarem tanto ou mais com sua raça (ou qualquer outra característica, tais como o envolvimento em uma subcultura) do que com o lesbianismo. Finalmente, incorpora as idéias do pós-estruturalismo sobre as dificuldades em atribuir qualquer essência ou aspecto não histórico de identidade.

Entre elas e o leitor

Em sua mais recente publicação em prosa, Miriam Alves redigiu uma coleção de contos com narrativas e diálogos que ousam e inovam na linguagem. São tramas marginalizadas que encaminham o leitor à surpresa do desusado. No conto analisado, *Abajur*, o narrador envolve o leitor em um emaranhado de emoções e uma ambiguidade de raciocínio que culminam em um clímax de espanto e surpresa.

Em um primeiro momento, quando o leitor se depara com o clímax da narrativa, acredita que Clotilde encontrou Jorge, seu suposto marido, em pleno ato de adultério com Nadir. O narrador descreve a cena:

NA CAMA, o dorso nu de Jorge ajoelhado por entre as pernas de Nadir, que o entrelaçava pela cintura. Entregues totalmente àquele ATP, explodiram em prazer. Balançavam os corpos em um compasso frenético, Jorge e Nadir gemiam, ela gritava. Os sons ao longe pareciam frutos de uma só explosão. Nadir prostrou-se. Num longo suspiro, passava a língua pelos lábios ressequidos. Jorge, depois da explosão, desabou sobre Nadir com a cautela dos amantes. Sensações de descargas elétricas percorriam o corpo de ambos, que suspiravam e gemiam baixinho. (Alves, 2011: 28)

Ao entrar no quarto o que chama a atenção de Clotilde, primeiramente, é o dorso nu de Jorge. Seja pela estratégia do narrador, seja por um conceito implícito na sociedade ocidental, crê-se que o companheiro (possivelmente esposo, pois em determinado momento do conto Clotilde fala sobre o patamar de matrimônio em que sua relação afetiva com o proprietário do apartamento está) dela seja o Jorge. Logo em seguida, Clotilde relata que Nadir está entre as pernas de Jorge. Obviamente, qualquer leitor atento às estratégias de uma narrativa sabe que, no momento em que Clô flagra o casal no ato, ela percebe os dois concomitantemente. Qualquer narrativa segue uma sequência de fatos interligados que são transmitidos em determinado enredo ou estória. Os enredos e as estórias sempre aproximam narradores e ouvintes. O narrador, por sua vez, como afirma Pellegrini (2003:64) “determina a ocasião em que uma informação é narrada e por meio de que canal isso é feito”. A escolha do narrador em descrever primeiramente a posição em que Jorge se encontrara em relação a Nadir é meramente técnica narrativa. Os fatos precisam ser elencados em uma ordem dentro de uma narração, independente do veículo do discurso. Isso não atribui maior intimidade de Clô para com Jorge, e muito menos descreve uma possível situação hierárquica da cena narrada.

Após o flagra, a primeira a se manifestar é Nadir. O que dá a entender, em um primeiro momento, que Clotilde não só a conhece como tem intimidade com ela:

(...) Estremeceu ao ouvir Nadir, que a despertava do torpor: “DESCULPE-ME, Clô... Não queria... Foi um impulso. O Jorge...” (...) FOI ACOMETIDA por um acesso. Tinha vontade de matar Nana. O corpo de Clô estremecia, sem controle. Ela gritava: “Como? Como?” Tentava acertar Nana com a lata de cerveja. (Alves, 2011:29)

O que vem a seguir é surpreendente para qualquer leitor, até mesmo o empírico:

NANA e Clô choravam. Foram sentar-se na cama. Não sabiam mais o que fazer. Choravam. Choravam. (...) Jorge (...) tentou interromper. Não foi ouvido. Confuso, ficou ali em pé, sem saber como se retirar.

NANA, em lágrimas, desmanchava-se em desculpas. (...) Nana prometia que aquilo não mais aconteceria (...) “ O nosso pacto é de fidelidade. Eu sei...”, dizia com voz embargada. “Foi à briga de ontem”, desculpava-se. “Não sabia se você voltaria”. (...) “Querida ferir você, Clô. Deixei Jorge subir para uma conversa. Só isso”. (...) “Você sabe, não é, Clô? Eu não queria desconfianças em nossa relação. Foram anos tão discretos. Você sabe que eu sempre quis assim. Não sabe?”. (Alves, 2011:29, 30)

Nadir é a mulher de Clotilde. Até então tudo levava a crer que Jorge seria o marido de Clotilde, e ele a estaria traindo. O espanto é causado pela a técnica de descrição da cena do flagra empregada pelo narrador ou, porque o leitor está confortável com o discurso binário heterossexual introduzido há tempos pelo cristianismo? Do ponto de vista teórico literário pode-se afirmar que a intenção do narrador fora causar a surpresa do desusado ao leitor. Prendê-lo no desenrolar do enredo e produzir um efeito diegético aberto e que difere do tradicional ao revelar um fim diverso ao que apontava a trama. Porém, por retratar temas demasiados polêmicos (um relacionamento homossexual de anos, uma traição descoberta e, assim, consentida e que culmina em um ménage a trois), o conto constrói e desconstrói identidades homossexuais e aborda, implicitamente, a questão da homofobia vigente na sociedade contemporânea ocidental.

Através do aspecto social supracitado sob o ponto de vista narrativo se evidencia a questão homófoba presente em *Abajur* . Pode-se afirmar que a homofobia na sociedade ocidental coetânea é resultado do discurso heterossexual estabelecido pelo cristianismo, que defende que a sexualidade induz à tentação e ao “pecado”. Para Foucault (1988), não devemos compreender a sexualidade sob a perspectiva da Natureza univalente apresentada pelo cristianismo, mas como uma dinâmica que se estabelece com suas representações e discursos, uma identidade que está em construção, pois o gênero biológico se contrapõe ao gênero sexual e cultural que passa por esse processo de construção. Segundo Filho (2007), a perspectiva defendida por Foucault subverte o sistema binário tradicional. Trata-se, pois, de uma perspectiva descentralizadora em relação à noção de identidade sexual.

Apesar de “esconderem” suas identidades lésbicas no conto, Clotilde e Nadir as dividem e as revelam a Jorge. No momento em que as duas se acariciam e tecem lamentos e desculpas há a construção das identidades lésbicas. Surgem com a surpresa

da narrativa aberta e torna a experiência individual irreduzível, como se colocadas à luz do abajur deixassem o tudo mais às sombras. Mas ao participarem a Jorge da luz do abajur, participam também seu segredo, e a forma de fazê-lo deixar o que descobriu entre eles é o calando com sexo. Seria o desfecho do enredo a (des)construção de identidades sexuais que rompem explicitamente com o discurso binário heterossexual em vigor no Brasil (o espaço da narrativa são as cidades do Rio de Janeiro e Niterói). Sem conceituações específicas de sexualidade, o narrador casa suas personagens com os preceitos da teoria queer derrubando as barreiras da identidade. A não especificidade sexual é libertadora, é uma maneira de, simultaneamente, fazer um movimento político contra a heteronormatividade e ao mesmo tempo recusar a se envolver em políticas de identidades tradicionais e essencialistas.

Ao tecer uma narrativa contemporânea em *Abajur*, na qual a verdade é multifacetada, Miriam Alves inverte e choca alguns estereótipos ao pintar com naturalidade e abertamente um relacionamento lésbico em sua prosa. A narração, ao registrar a sucessão bruta dos fatos, se orienta para a dispersão do enredo, levando ao abandono da causalidade tradicional e a abertura de possibilidades para o fim das personagens. O enredo de *Abajur* é a reprodução do preconceito sexual incutido na sociedade ocidental contemporânea que adquire uma dimensão anônima, impessoal e socializada.

Bibliografia

BUTLER, Judith. **Criticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55 a 81.

CROMPTON, Louis. **Homosexuality and Civilization**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

FADERMAN, Lillian. **Surpassing the Love of Men: Romantic Friendship and Love Between Women from the Renaissance to the Present**. London: The Women's Press, 1985.

FILHO, A. M. **Identidade homossexual e homoerotismo em “Terça-feira gorda”, de Caio Fernando de Abreu.** Goiás, OPSIS - Curso de História. Dossiê Corpo e Cultura. Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão - GO, v. 7, n. 8, jan-jun. 2007: 69.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality. Volume One: An Introduction.** Translated by Robert Hurley. New York: Vintage Books, 1988.

_____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PELLEGRINI, Tânia (org.). **Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações.** In: Literatura, Cinema e Televisão. São Paulo: Ed. SENAC/ITAÚ CULTURAL, 2003.

SMART, B. **Michel Foucault.** London: Routledge, 1985.